

DOSSIÊ TEMÁTICO

**Diálogos Necessários:**

Pensamento Lésbico Contemporâneo

Fernanda Marcela Torrente Gomes¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo explicitar a importância dos debates realizados pelas autoras estudadas durante a segunda edição do curso Pensamento Lésbico Contemporâneo, promovido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Neste sentido, analisa-se como as discussões sobre o pensamento lésbico encontram-se interligadas as questões relacionadas a raça, colonização, saúde mental, entre outras, e colaboram para um processo de consciência da lesbianidade não como um “estilo alternativo” de vida e sim, como um elemento constitutivo e constituinte da vida das mulheres.

Palavras-chave: pensamento lésbico; heteronormatividade; mulheres; feminismos.

Essential Conversations:
Contemporary Lesbian-Thinking

Abstract: This work aims to make explicit the importance of the debates held by the authors studied during the second edition of the Contemporary Lesbian-Thinking course, promoted by the Federal University of Bahia (UFBA). In order to accomplish that, there will be an analysis of how the discussions about the lesbian-thinking is linked to race, colonization, mental health, and other related issues, contributing to a lesbian conscientious process, not as an “alternative lifestyle”, but as a constitutive and constituent element of the women’s lives.

Keywords: lesbian-thinking, heteronormativity, women, feminisms.

Introdução

Uma das grandes finalidades do movimento lésbico foi, e ainda o é, enfrentar o desafio de tornar visível a sujeita social “lésbica”. Uma vez que este foi amplamente ocultado nas sociedades por meio de sua marginalização social e política, excluindo-as, inclusive, da esfera das políticas públicas. Esta invisibilidade procurava se justificar socialmente através da

¹ Doutoranda e Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, assistente social da Prefeitura Municipal de São José/SC.

reprodução de numerosos discursos deterministas que designavam à heteronormatividade como a real “essência” dos seres humanos.

Nesta perspectiva, os textos trabalhados durante a segunda edição do curso Pensamento Lésbico Contemporâneo, apesar de suas especificidades, entram em acordo no que diz respeito às experiências situadas das mulheres, evidenciando um grande dilema que o feminismo enquanto ação política e campo teórico enfrentam ainda hoje: a luta contra a universalização da categoria mulher, e para, além disso, a luta pela visibilidade das vivências das mulheres lésbicas nessas mesmas esferas.

Pode-se afirmar que o ponto chave desses pensamentos se concentra na construção de práticas políticas e epistemológicas a partir de subjetividades múltiplas das mulheres em questão. Por exemplo, o corpo-subjetivação das lésbicas negras, ao trazerem vivências atravessadas pelos marcadores de: raça, gênero e sexualidade, coadunada com outros marcadores categoriais como classe, geração, território, entre outros que intensificam os processos de exclusão (LIMA, 2018). Nessa perspectiva, as formas de opressão, direcionadas ao que se considera o “outro”, ou neste caso, a “outra” se sustenta na negação do direito de existir em fenômenos diretamente vinculados a barbarização da vida, que atingem desde a naturalização da violência à moralização das relações sociais, principalmente nos países considerados subdesenvolvidos ou classificados como terceiro mundo.

Compreende-se que os preconceitos lésbofóbicos são elementos fundamentais para a manutenção de um sistema de submissão feminina, e que mulheres heterossexuais, também exploradas em outros contextos, legitimam, justificam e reproduzem tais costumes. Pretende-se reavivar o caminho apontado pelas estudiosas trabalhadas neste percurso através do questionamento: Como analisar a importância da inserção do pensamento lésbico na contemporaneidade?

Pensamento Lésbico na contemporaneidade

Glória Anzaldúa (2005) ao afirmar a importância de formarmos uma consciência outra, pautada em uma “*consciencia mestiza, una conciencia de mujer, una conciencia sin fronteras*” (ANZALDÚA, 2005, p.706) busca, em uma perspectiva mais ampla, anunciar uma compreensão de mundo que elimine de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo, esta premissa, se ancora na construção de uma consciência coletiva que só será possível por meio de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do



estupro, da violência, da guerra. Tal pensamento associado a reflexões presentes em estudiosas que se dedicaram a estudar as questões relacionadas à lesbianidade nos auxilia a analisarmos a reprodução das relações sociais no ocidente interligado aos processos de colonização. Assim, recorrem às chamadas “feridas coloniais” denominadas por Maria Lugones (2014) e apontada por Fátima Lima (2018) em seu texto.

Ao invalidar a tese que remete aos povos colonizados um “atraso na construção social política”, a autora, assim como outras pensadoras decoloniais e pós-coloniais, considera as epistemologias outras que provém de contextos fora da centralidade analítica hegemônica e produzem resistências, e saberes diferenciados. A valorização de outras formas de conhecimento (inclusive os que se encontram para além dos muros da academia) subverte a lógica de autorização de certos conhecimentos em detrimentos de outros, nesse sentido, o pensamento lésbico contemporâneo ganha destaque a partir, igualmente, de um paradigma outro.

Anzaldúa (2005) adentra nos processos de trauma da colonização nas vivências das *mujeres de color*, e nos convida a refletir o conceito de identidade como algo que se encontra em constante mudança na vida e história das mulheres latino-americanas, lésbicas, negras, indígenas. Ou seja, mulheres situadas, que vivenciaram os processos de colonização, de fusão de culturas e de contextos migratórios. Neste sentido, o ato da autodenominação de mulheres lésbicas e bissexuais também não se reduziria apenas a uma identificação, ou mesmo a ações eróticas afetivas. Esse ato demarcaria um ponto de partida teórico-político que procura se desvencilhar dos discursos heteronormativos (GROSSI, 19998). Neste caso, o “político” significa, como afirma Cheryl Clark

A lesbiana – essa mulher que “tomou uma mulher como amante” - logrou resistir o imperialismo do amor nessa esfera de sua vida. A lesbiana descolonizou seu corpo ainda que repressivas, sufocantes e tediosas (na minha opinião), as noções ocidentais das relações mulher-homem – que adiantam a supremacia masculina – seguem sendo apoiadas pelo povo negro como uma imposição desejável. Ainda que a lésbica-feminista negra ameace o controle masculino do homem negro sobre a negra, o propósito como ideologia política e filosófica é não aceitar a posição superior do homem negro ou de qualquer outro (CLARK, 1988, p.05).

Clark remete sua análise principalmente à mulher lésbica negra, situando os processos de lutas contra a lésbofobia e racismo, opressões que se entrecruzam na vivência dessas sujeitas.

Monique Wittig (2012), também dará luz a concepção da categoria “mulher” e “homem” a partir de uma ideia de classe, ou seja, uma categoria política, histórica, e econômica



em constante movimento, quebrando com o “mito da mulher”, suas manifestações e seus efeitos materiais. Para isso a estudiosa cita Virginia Woolf, e afirma que a primeira tarefa de uma escritora consistiria em “matar o anjo da casa”, o que significa negar as concepções fixas referentes ao ser social mulher. Importante destacar que para Wittig (2012), por mais que as mulheres sejam uma classe, elas devam ser pensadas também em suas individualidades, sem serem reduzidas a processos de opressão.

A autora pensará o conceito “lesbiano” como o único que pode ser pensando para além das categorias de sexo (homem e mulher)

(...) o sujeito designado “lesbiano” não é uma mulher, nem economicamente, nem politicamente, nem ideologicamente, Pois o que faz uma mulher é sua relação social específica com um homem, uma relação que chamamos de servidão, uma relação que implica uma obrigação pessoal e física e também econômica (residência obrigatória, trabalhos domésticos, deveres conjugais, produção ilimitada de filhos, etc.) Uma relação ao qual as lésbicas escapam quando rejeitam tornar-se ou seguir sendo heterossexuais (WITTIG, 2012, p.17).

Nessa perspectiva, a existência lésbica incluirá tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida, sendo um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Adriene Rich (2010) nesta mesma linha, afirma que é mais provável que os homens tenham medo, não dos apetites sexuais das mulheres insubmissas ou que estas queiram sufocá-los e devorá-los, mas das que se permitem ser completamente indiferentes a eles, constituindo uma independência sexual e emocional – e, portanto econômica – os deixando na periferia da matriz. (RICH, 2010)

Rich (2010) destacará a responsabilidade das feministas heterossexuais em extrair força política a favor de mudança ao tomarem uma posição crítica diante da ideologia que demanda heterossexualidade. Por esse viés, a teoria feminista deixaria de lado a postura tolerante ao “lesbianismo” como um “estilo de vida alternativo”, se permitindo uma crítica consistente à orientação compulsória da heterossexualidade. No qual, o feixe de forças em que, as mulheres têm sido convencidas ao casamento e a orientação sexual voltada aos homens como componente inevitável de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatório, seja desconstruído.

Jules Falquet (2012) por sua vez, dará destaque centralidade de reflexões que quase exclusivamente focam na sexualidade como um conjunto de práticas sexuais e/ou desejantes individuais, atribuindo uma importância considerável à intervenção sobre o corpo e aparência, neste sentido a estudiosa expõe sua preocupação, considerando que



não basta fugir individualmente, pois não existe verdadeiramente o lado de fora: para existir, as lésbicas devem travar uma luta política de vida ou morte em prol do desaparecimento das mulheres como classe, para destruir o “mito da Mulher” e para abolir a heterossexualidade (FALQUET, 2012, p. 25)

Assim, se torna essencial compreender as imbricações das relações sociais de poder, por meio do que ela denomina “ponto de vista situado”. Falquet (2012) propõe mediada por um debate decolonial, materialistas, antirracistas e anticapitalistas, a prática de teorização-investigação-ação feminista e lésbica, demonstrando que os sistemas de opressão/exploração não vivem um sem o outro. Ao nomear em seu texto “Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política” (2012) o “inimigo principal” que seria o processo de material de exploração que advém atualmente das bases de uma globalização neoliberal, ela aponta, sobretudo a heterossexualidade compulsória como o coração das desigualdades anunciadas. Tal reconhecimento nos remete ao pensamento de Denise Bernuzzi de Sant’anna (2001), que a partir de uma análise psicanalítica da construção do ethos e da subjetividade no neoliberalismo, faz elaborações a respeito do perigo da construção do que ela chama de “seres liberados”: a criação de sujeitos a partir dos processos de apropriação dos discursos enunciados pelo modo de vida neoliberal, que pode ser o que quiser, contato que, utilize seu corpo como capital humano.

Nos estudos feministas e de gênero essas reflexões têm impactos significantes, e extremamente atuais. Gayle Rubin (1994) já na década de 1990, em seu livro “Pensando o sexo” parece definir a atual conjuntura brasileira ao afirmar que há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada, como em uma cruzada moral e mais excessivamente politizada, fazendo com que haja uma renegociação social sobre suas questões.

Considera-se que os atos sexuais nas sociedades ocidentais possuem um sistema hierárquico de valores, cujos indivíduos que estão no topo desta hierarquia são recompensados com atestado de saúde mental certificado, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, suporte institucional e benefícios materiais. Assim, parece lógico que em momentos de crise do capital, ou seja, de abalo nas estruturas que sustentam tais concepções, haja uma reatualização da condenação psiquiátrica de comportamentos sexuais que fogem a heteronormatividade (projetos de lei como a “cura gay”, e “escola sem partido”), assim como um retorno as categorias incluídas na concepção de pecado sexual. De qualquer modo, tais inflexões morais, como bem afirma a estudiosa, tem mais em comum com ideologias que

reafirmam a heteronormatividade e o racismo do que com uma verdadeira ética cristã ou psiquiátrica.

Considerações finais

Ao longo dos estudos apresentados, mais do que chegar a conclusões, procuramos levantar questionamentos em torno da problemática do pensamento lésbico contemporâneo. Neste sentido, as aproximações com os feminismos decoloniais e pós-coloniais mostra-se essencial para que as indagações realizadas ganhem vida e cor, e promovam um diálogo necessário a partir do lugar que ocupamos no mundo.

Considera-se assim, que a contribuição teórica e política das autoras mencionadas colabora igualmente para a revisão de um pensamento subordinado a uma verdade, a uma linguagem, a um discurso ancorado em uma história colonizada. Assim como Rich (2010), procura-se sobretudo, que as estudiosas e militantes feministas passassem a achar mais problemático lutar, ler, escrever e ensinar a partir de uma perspectiva heteronormativa. No decorrer da luta feminista, há, obviamente, diferenças qualitativas de posicionamentos, e experiências vivenciadas. Contudo, é perceptível dificuldade da promoção de debates e visibilidades relacionados à lesbianidade como um elemento constitutivo e constituinte na vida das mulheres.

Segundo o dossiê sobre Lesbocídio no Brasil (GELEDES, 2017) existe um crescimento vertiginoso do assassinato de mulheres lésbicas nos últimos anos. O documento indica que, no período entre os anos de 2000 e 2017, foram registrados 180 homicídios de lésbicas, sendo 126 entre os anos de 2014 e 2017. Esses dados interseccionados com outros marcadores como classe, raça, território, já garantem relevância o suficiente para a justificativa de um debate sério a respeito do tema.

Aventamos ainda que, é possível afirmar que os processos de globalização neoliberais vivenciadas atualmente contribuem para a ascensão de governos autoritários ao redor do mundo, assim como para o fortalecimento de ideologias nacionalistas com viés xenofóbico e essencialista (de raça, gênero, sexualidade). Tal cenário desenvolvido por meio de um pensamento político reacionário, naturalista e a-histórico, alertado por Falquet (2012), tende muitas vezes a se camuflar em concepções baseadas em um liberalismo individual, mudando certos discursos, porém não suas práticas. Por fim, considerasse necessário atentar as alianças

realizadas nos processos de luta constituídos, a fim de que seja, de fato, possível objetivar a emancipação humana no sentido mais profundo dessa concepção.



Referências

ANZALDÚA, Glória. **La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência.**

Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 3, p.704-719, set. 2005.

CLARKE, Cheryl. El lesbianismo: Um acto de resistência. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (eds.). **Esta puente, mi espalda.** San Francisco: Ism Press, Inc., 1988, 99-107

FALQUET, Jules. **Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política.** Cadernos de Crítica Feminista, ano VI, N. 5 – dezembro, 2012. Disponível em: . Acesso em 19 de Dez. de 2017.

GELEDES. **Violência e invisibilidade marcam realidade de lésbicas no Brasil.** 2017.

Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/violencia-e-invisibilidade-marcam-realidade-de-lesbicas-no-brasil/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade.** Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, p.1-14, 1998.

LIMA, Fatima. Raça, Interseccionalidade e Violência. **Cadernos de Gênero e Diversidade,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p.66-82, jun. 2018.

LUGONES, MARIA. **Rumo a um feminismo descolonial.** Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, jan. 2014.

RICH, Adrienne. **“Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”.** Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades. Natal: v. 4, n. 5, jan./jun. 2010, p. 17-44.

RUBIN, Gayle. **Pensando Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade.** Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes Revisão de Miriam Pillar Grossi. 1994.

SANTANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 127 p.

WITTIG, Monique. **Ninguém nasce mulher.** Trad. Hurrah, um grupelho eco-anarquista e Coletivo Bonnot, Departamento de Terrorismo Performático de Gênero, 2012, p.1-20.

Recebido em: 01/12/2019

Aceito em: 12/01/2020

